

BIS quer sair das negociações bilaterais

por Richard E. Smith
da AP/Dow Jones

O presidente do Banco para Compensações Internacionais (BIS) e do Banco Nacional da Suíça, Fritz Leutwiler, acredita que haverá um "segundo" estágio na crise da dívida, no qual o BIS, após auxiliar cinco dos países mais endividados, deixará tais operações bilaterais ao encargo do Fundo Monetário Internacional (FMI).

"O BIS não está em posição de estabelecer condições para programas econômicos nos países devedores", declarou Leutwiler em uma entrevista à AP/Dow Jones, em Zurique. "Nós não dispomos de infra-estrutura, não temos instrumentos políticos e também não os queremos."

No futuro, com o FMI "ativo em praticamente todas as frentes", o BIS poderá retornar às suas funções normais, disse o presidente da instituição. Ele não fechou as portas completamente, notando que "pode surgir futuramente uma situação na qual o BIS terá de fazer um empréstimo-ponte", mas considera que isto não ocorrerá a curto prazo.

Referindo-se ao recente empréstimo concedido ao FMI — pelo BIS e oito bancos centrais, totalizando 3 bilhões de Direitos Especiais de Saque (DES) —, Leutwiler disse esperar que, após essa injeção de recursos, o Fundo possa caminhar com suas próprias forças e, se necessário, com recursos do General Avangements to Bovow (GAB). O GAB compromete os principais países industrializados a proporcionarem recursos adicionais ao FMI sob certas circunstâncias.

"Nós concluímos nosso trabalho no presente estágio", disse Leutwiler. O BIS armou e concedeu empréstimos à Hungria, México, Brasil, Argentina e Iugoslávia nos últimos dezesseis meses, e todos os créditos foram pagos.

O RISCO DO "DEFAULT"

O presidente do BIS disse, também, que o perigo de que algum dos principais países devedores fosse oficialmente declarado em

"default" "é menor agora" que há dezoito meses. "Não considero que haja motivo para pânico", acrescentou.

Leutwiler afirmou que ninguém pode excluir a possibilidade de tal "default", mas adverte que "uma declaração de 'default' é absolutamente a última coisa que tais países devem fazer se quiserem tornar-se novamente merecedores de créditos nos mercados de capital", e o pedido de "default" por parte de um país pesaria sobre ele nos mercados durante um longo tempo.

O presidente do BIS disse ter a impressão de que o Brasil está fazendo progressos, no sentido de que "dentro de seis meses deverá estar no caminho da recuperação". Destacou, ainda, que o Brasil provavelmente receberá recursos adequados em 1984, acrescentando que considera que "estão presentes as condições" para que a Argentina se liberte de seus problemas de pagamentos.

Ao defender os bancos das críticas de que não fizeram o suficiente, Leutwiler afirmou que "a acusação de que os bancos estão tentando sair disso incólumes me parece grotesca", notando que os bancos suportaram a maior carga com o Brasil e o México. "Os maiores bancos cumpriram seus deveres quase sem exceção", salientou.

Declarou que os bancos não deveriam "esfregar as mãos" ou considerar os juros pagos por esses créditos como "rendimentos reais", assinalando que, em sua opinião, os banqueiros estão mostrando mais disposição de reduzir os "spreads". "A extensão desses 'spreads' deve ser estreitada e será estreitada."

Leutwiler também se manifestou cético sobre as várias propostas para maiores programas dirigidos pelos governos para resgatar os países devedores "com uma penada", pois isso, segundo afirmou, simplesmente transferiria a carga para os contribuintes dos países industrializados".